

da Maysa com o Vértice Brasil – de Floripa a Sampa

O tema “mulher” se fez presente como pergunta e indignação na minha vida quando da gravidez, do casamento, da falta de espaço no grupo de teatro, das cobranças da mãe. Dados estatísticos de violências contra a mulher e violações de nossos direitos chegaram-me como luz, coletivizando minha experiência e gritando a urgência de falar sobre o assunto publicamente.

Um novo grupo de teatro se formou e, logo no início dos trabalhos percebemos que, mais que um grupo de teatro, somos um grupo de mulheres, artistas, que têm como foco de trabalho a situação atual da mulher.

A notícia do Vértice veio através de uma companheira que fala de mulher em seu trabalho no teatro também (<http://ciakiwicarne.wordpress.com>) e a recebi com muita alegria, afinal seria possível conhecer tantas outras companheiras...

E foi isso mesmo que aconteceu!

Da chegada\_

Depois da noite mal dormida no ônibus que saiu de São Paulo, chego na ilha ensolarada, amanhecendo, tranqüila, vazia como férias. O ar tão mais leve, meu ritmo imediatamente é desacelerado. Chego no hotel todo envolto de mata, o cheiro verde e fresco parece um cartão de boas vindas e lá estava eu, tomando café da manhã com mais 3 participantes do evento, sendo observadas pelos macacos prego, tão parecidos com a gente.

Imediatamente uma conversa interessada e bilíngüe se instala. Todas estão muito curiosas em se conhecerem, e o prazer que senti em poder falar do meu trabalho com pessoas que não se opunham ao fato de limitarmos a nossa platéia ao público feminino, é indescritível!

Reconhecimento de espaço comum, identidade coletiva, um grupo que se forma não por acaso, mas por encontro de necessidades pessoais que chegam no ponto comum: a mulher e o teatro.

Poucos minutos depois, já estava trocando idéias sobre metodologia de trabalho e maneiras de manter o projeto das ATUADORAS (meu atual grupo) ativo e crescendo. Tinha acabado de fazer uma amiga! E faria muitas outras...

Das oficinas\_

Da voz, do corpo, do olhar, do movimento, da disponibilidade, do desafio, do compartilhar. Alguma alquimia rolava entre nós que era possível estar à vontade entre pessoas novas, em trabalho novo e via cada uma das participantes (e nos meninos também) uma entrega de quem não quer perder nada e quer receber tudo.

Foco talvez seja A palavra.

As oficinas me lembraram como é rico o trabalho de reciclagem da atriz, do contato com novas linguagens e abordagens, com novos *procedimentos*. Me deu vontade de manter a sala de ensaio do meu grupo sempre ativa, mesmo entre projetos, para que as atrizes possam elaborar os conteúdos que recolhemos das ruas, dos livros, das privações e depoimentos, dos jornais, com o corpo, com a respiração. Isso porque pude vivenciar um dos textos da minha peça de maneiras muito diversas dentro da oficina da Julia Varley – Ecos do Silêncio – e descobri tantas outras nuances e qualidades da personagem. Que leque infinito pode ser este do repertório da atriz! E só há um jeito de acessá-lo: relacionando-se praticamente com o próprio corpo, voz, respiração, movimentos, história de vida.

Então, depois de alguns anos, pude sentir meu corpo novamente quente e disponível na oficina da Cris Colla – Corpo Multifacetado. E o mais surpreendente: a cabeça tranqüila, o pensamento silencioso, apenas acompanhando o movimento, receptiva. Incrível!

Das palestras\_

O espaço das palestras, apesar de formal e teórico, foi o mais emocionante para mim, por causa do reconhecimento. Muitas de nós falamos em *pertencimento* durante o encontro e para mim, o lugar maior de pertencimento foi nas falas das palestrantes, todas! Porque senti meu trabalho e minha vida contextualizados.

As pesquisas da Brígida, por exemplo, vão diretamente ao encontro do que estamos pesquisando em meu grupo. Ouvir sobre Maria Madalena é saber de nossa ancestralidade e dos desvios intencionais que a religião faz à história. O Projeto Magdalena, nesse sentido, ocupa o lugar que nos foi negado durante séculos e séculos.

Das impressões\_

O que fica pra mim é: esse espaço aberto de troca e reflexão poderia ser só mais um espaço, sem muitos méritos. O que é forte e peculiar é a disponibilidade de cada uma de nós em abrir novos horizontes.

Para mim, que tenho a luta pela igualdade de gêneros como tema do trabalho e da vida, uma rede de mulheres de teatro é muito significativa. Principalmente, quando a motivação desse encontro é pessoal, como Jill e Julia contaram da origem e vida do Magdalena. Acredito que é dessa motivação pessoal que se fortalece a identidade da mulher, onde ela (ou, eu) sente sua voz fortalecida e assim, empodera-se da própria história.

No mundo inteiro as mulheres ainda não gozam com plenitude de seus direitos humanos. No Brasil, por exemplo, denúncias de violência doméstica paravam em júris de pequenas causas. Apesar do país perder cerca de 10% de seu PIB por conta desse grave problema, a violência doméstica contra mulher só passou a ser enquadrada como crime em nossa legislação no ano passado, com a Lei Maria da Penha. Ano passado, 2007, século XXI!!!

E mês passado (julho/2008), essa mulher que deu nome à lei por levado anos para colocar seu marido na cadeia depois de levar dois tiros na coluna e ficar paraplégica, recebeu sua indenização do Estado negligente: R\$60.000,00. Sim, parece piada de mau gosto...

Quando apresento meu espetáculo "Mulher a vida inteira" em bairros muito pobres da periferia de São Paulo, escuto, nas cenas mais violentas, as mulheres rirem muito. Quando conversamos ao final do espetáculo, elas falam da experiência cotidiana do que apresentamos no palco. Não há nada de chocante no que se vive diariamente.

Quando uma mulher, no final da peça, conta emocionada que é a primeira vez que fala publicamente a respeito das violências que sofre dentro de casa, e sai dali com outro olhar, sinto que a peça cumpriu sua função. O que importa naquele momento é a vida pessoal daquela mulher. E se a peça serve de motivação da dúvida, frente àquele cotidiano patológico, maravilha.

Assim sinto nosso encontro Vértice, dentro do Magdalena, pois saí com novas motivações, respirando um ar puro e renovado, sentindo-me forte pois não estou sozinha. E não é sozinha na *luta*, sinto-me acompanhada na vida de mulher artista, no teatro.